

Tópicos sobre vida e obra da poetisa Leodegária de Jesus Topics on the life and literary work of the poet Leodegária de Jesus

Goiandira Ortiz de Camargo¹

Resumo

Leodegária de Jesus é uma poetisa goiana do início do século XX. Publicou dois livros, *Corôa de lyrios* (1906) e *Orchideas* (1928). Neste ensaio, propomos uma leitura de poemas selecionados a partir de tópicos temáticos que poderão contribuir com a compreensão de sua obra. A cidade de seu nascimento literário, a figura do pai como influência em sua vida e um amor irrealizado são tópicos que servem ao propósito do texto de, primeiramente, apresentar a obra da poetisa ao público e, depois, de comentar e analisar poemas representativos de sua inserção literária no contexto histórico em que viveu. Implicando vida e obra, o ensaio recorre à História da Literatura, à Crítica Literária e aos dados biográficos para fundamentar a discussão. França (1996, 1998), Denófrio (2001), Candido (2002) e Jubé (1978) são referências do texto.

Palavras-chave: Leodegária de Jesus; poesia goiana; vida e obra

Abstract: Leodegária de Jesus is a poet from Goiás from the beginning of the 20th century. She published two books, *Corôa de lyrios* (1906) and *Orchideas* (1928). In this essay, we propose a reading of poems selected from thematic topics that may contribute to the understanding of her literary work. The city of her literary birth, the figure of the father as an influence on her life and an unrealized love are topics that serve the purpose of the text, first, to present the poet's literary work to the public and, later, to comment and analyze poems representative of her literary

¹Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fez Pós-Doutoramento pela Universidade de Lisboa, desenvolvendo plano de trabalho sobre poesia portuguesa contemporânea. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras - UFG. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 2. Orientadora de Mestrado e Doutorado. Pesquisa sobre poesia lírica brasileira e portuguesa contemporânea e na área de ensino e leitura de poesia. Coordena a Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia/ FAPEG. É Pesquisadora associada da RELER/iiLer/PUC-Rio

insertion in the historical context in which she lived. Implying life and literary work, the essay uses the History of Literature, Literary Criticism and biographical data to support the discussion. França (1996,1998), Denófrio (2001), Candido (2002) and Jubé (1978) are references in the text.

Key-words: Leodegária de Jesus; Goiás poetry; life and literary work

No presente ensaio, selecionamos tópicos da vida e obra da poetisa goiana Leodegária de Jesus (1889-1978) para leitura e comentários a partir de seus poemas. Inicialmente, visam a apresentá-la às leitoras e aos leitores em geral, tendo em vista que ainda é pouco conhecida no estado de Goiás, onde nasceu, e no país. Comentaremos temas extraídos de sua obra implicados na sua vida, de modo que esta possa contribuir na leitura daquela, sem, necessariamente, nos restringirmos à crítica biográfica. Leodegária de Jesus surgiu em um contexto histórico-literário de intensa movimentação intelectual e artística na Cidade de Goiás, onde morou parte da infância e da juventude. Nessa cidade, a poetisa teve sua iniciação poética, publicou o seu primeiro livro e participou da efervescência cultural que movimentou a cidade. Nas primeiras duas décadas do século XX em Goiás, a prática poética era fruto de um “sincretismo estilístico” (JUBÉ, 1978), juntava a língua romântica, de gosto dos poetas, e uma tendência formal ao Parnasianismo, movimento literário em voga à época na capital do país. Leodegária de Jesus e os demais poetas que constituíam a “Poesia dos luares”, segundo a denominação dada por Antônio Geraldo Ramos Jubé (1978) à segunda fase da Poesia Romântica em Goiás, eram cultivadores desse sincretismo.

Sua obra circunscreveu-se aos limites dos seus sentimentos, da família, da natureza e das cidades onde viveu. Seus temas são comuns aos poetas românticos brasileiros: o amor, muitas vezes emparelhado à morte, a melancolia, a natureza, o afeto filial e outros temas de circunstância.

Como tópicos para este texto, abordaremos as duas cidades de maior relevo em sua vida, a família, representada pelo pai, e o amor. São temas fundamentais em seus dois únicos livros que podem colaborar para a introdução à sua leitura e apreciação. História da literatura, biografia e crítica literária pontuam o percurso do nosso texto. Serão referências para os comentários Darcy França Denófrio (2001), Basileu Toledo França (1998, 1996), Gilberto Mendonça Teles (1983) e Antônio Geraldo Ramos Jubé (1978).

1. “Goyaz querida! Perola mimosa”: a terra do nascimento literário

A Cidade de Goiás na primeira década do século XX tornou-se o centro cultural do estado de Goiás. O entusiasmo com as novas transformações que ocorriam no Rio de Janeiro, em São Paulo e nas grandes capitais do mundo Ocidental chegou à terra vila-boense. E a antiga Província aspirou os ares da modernidade que vinham com o progresso, as artes, a ciência e a educação.

As bases desse tempo de agitação artística já estavam sendo erguidas desde quando se instalou na cidade, em 1847, a segunda escola secundarista do país, o Lyceu de Goyaz, marco importante para fixar os habitantes na terra depois do esgotamento do ouro, explorado no século XVII pelos bandeirantes paulistas. A partir do início dos anos 1900, outras frentes do conhecimento foram abertas como a literatura, a música, o cinema, o ensino superior. A distância da capital do país e a localização num nicho entre morros e a Serra Dourada não impediram que a Cidade de Goiás fomentasse a cultura. Apesar de ter sido uma sociedade patriarcal, na qual a mulher tinha seus desejos restritos às prendas domésticas, algumas delas romperam o umbral das portas de suas casas para dirigir jornais, criar academia de letras e alcançar algum protagonismo na cultura e na educação.

Nesse cenário, na virada do século XIX para o XX, chegou à Cidade de Goiás a menina Leodegária de Jesus com os seus pais e a irmã primogênita, Zenóbia Palmira, vindos de Rio Verde. O pai, José Antônio de Jesus, havia sido eleito deputado do novo estado de Goiás, criado com os desdobramentos da Proclamação da República. Chegava à antiga capital como autoridade, investido de um poder que lhe conferia uma região em busca de desenvolvimento no sudoeste goiano. Era filho de alfaiate negro e bem situado em Diamantina (MG), sua terra natal. Com a morte do pai, foi internado em Seminário Salesiano, com o propósito de estudar e seguir carreira eclesiástica.

O clero não conseguiu lhe dar a missão religiosa, mas lhe deu uma formação clássica, tornou-se um intelectual vocacionado para o magistério. Basileu Toledo França (1998, p. 59) nos conta que, “[...] com a transferência de seu novo protetor (o bispo Dom Cláudio) para a capital de Goiás, veio com ele em 1881 e começou a frequentar o Seminário Santacruz”. Foi como seminarista ainda que conheceu Ana Isolina Furtado Lima, moça de família abastada de Jaraguá, para quem enviou alguns versos trêmulos de amor e com quem se casaria, formando um casal inusitado para os padrões étnicos da época: um homem negro e uma mulher branca. Na cidade da esposa, começou a construir a vida. Mas o sonho de José Antônio era ensinar. Logo, mudaram-se a convite de autoridade governamental para Caldas Novas, com o objetivo de fundar uma escola. Lá, em 8 de agosto de 1889, nasceu Leodegária Brazilia de Jesus, a segunda filha do casal.

Leodegária de Jesus, como assinaria mais tarde, não cresceu em Caldas Novas. Dois meses após seu nascimento, seu pai é convidado para fundar uma escola pública e dirigir um jornal na cidade

de Jataí. É a terra da sua infância. Seus laços afetivos e memórias da meninice são da terra jataiense, a qual relembra em poema de seu Corôa de lyrios (DENÓFRIO, 2001):²

Jataí

Não vês aquella campina,
De flores mil adornada,
Tanta palmeira plantada,
Tanta açucena e bonina?

Ao longe, brancas casinhas,
Não vês o lindo horisonte,
O murmurinho da fonte,
E o canto das avesinhas?

Essa campina alacr'ante
É meu berço idolatrado,
É Jatahy adorado,
Essa terra deslumbrante.

Foi nessa terra querida
Nessa campina formosa,
Que s'escoou descuidosa,
A infância minha florida.

Nas tardes bellas de Abril,
Eu deslumbrada, dizia:
Quanta belleza e magia,
Neste canto do Brasil!

² Todos os poemas citados neste artigo são extraídos do livro *Lavra dos Goiases III: Leodegária de Jesus* (2001), de Darcy França Denófrío, cuja referência completa está na bibliografia final. Na citação, será mantida a ortografia original e não informaremos o número da página, pois os dois livros da poetisa – *Corôa de lyrios* (1906) e *Orchideas* (1928) – estão em edição fac-similar incluso no livro de Denófrío, inclusive o primeiro deles não tem paginação.

A poetisa concede à cidade de sua infância o lugar de seu verdadeiro nascimento: “berço idolatrado”. Publicado quando Leodegária de Jesus estava com 17 anos, o poema é expressão fiel da idealização romântica da infância: um tempo mítico e feliz distante no passado. Não faltam a nostalgia e a sensação da perda, pois a infância “s’escoou descuidosa”. Mas é lá o paraíso, a paisagem idílica e irretocável, de flores, casinhas brancas, avezinhas e um horizonte necessário para abrigar os sonhos. A jovem poetisa demonstra bem cedo que conhece recursos da forma.

Contemporânea dos parnasianos, mas com a têmpera poética dos românticos do século XIX, seus poetas preferidos, como demonstram várias epígrafes de seu primeiro livro, Leodegária escolheu a redondilha maior, versos de sete sílabas. Para mantê-los sob medida, usou duas vezes o recurso do apóstrofo para suprimir o som e ajustar o verso: “alacr’ante” no primeiro verso da terceira quadra; e “s’escoou” no terceiro verso da quarta quadra. Os heptassílabos ou redondilha maior são versos mais livres quanto à acentuação, próximos da oralidade e que obrigam apenas o acento fixo na última sílaba tônica. Os demais ocorrem de acordo com o ritmo da vocalização.

As rimas interpoladas juntadas à simplicidade das escolhas lexicais colaboram na fluência sonora e reforçam o sentimento ingênuo do poema, bem próprio do mais infante dos nossos poetas românticos, Casimiro de Abreu. O poema é plástico, não à toa o sujeito lírico indaga a um tu sobre a visão que está a contemplar e irá descrever sua terra com juvenil emoção. Os temas românticos estão ali: a infância, a terra natal vista sob o prisma da natureza, e integrada à exaltação nacional, pois faz parte do Brasil, como está no último verso. Associados compõem a terra utópica dos românticos. A poetisa encontrou em Jataí o que não foi possível em Caldas Novas, cidade que não teve tempo de conhecer e reconhecer como sua.

Se Jataí se fez a sua terra natal, a Cidade de Goiás será onde a adolescente e jovem vai nascer para a poesia e se ingressar no meio artístico-literário. Não será em Corôa de Lyrios que Leodegária de Jesus cantará a antiga capital dos seus melhores anos. Como a adolescente precisou sair de Jataí, senti-lo no passado, atravessado pela saudade e distância, a mulher adulta, que havia migrado para outras cidades de Goiás e de Minas Gerais, dezoito anos depois de ter de lá saído, publica um hino dedicado à cidade de seu nascimento literário no segundo livro – *Orchideas* (1928). O poema é mais longo, são oito estrofes, citemos fragmentos:

Goyaz

Goyaz querida! perola mimosa
Destes sertões soberbos do Brasil!
Terra que amo, que minh'alma adora,
Ao ver-te longe, tão distante agora,
Quero-te mais ainda,
Minha terra gentil!

[...]

Em noites constelladas, quando a flauta
E os bandolins desatam pelo espaço,
Essas notas refeitas de pesares,
Ao pallor ideal de teus luares,
Como é grato sonhar
Em teu morno regaço.

[...]

Ó Patria minha estremecida e bella,
Não mais verei o teu azul risonho,
Mas, onde quer que me conduza o fado
Jamais te esquecerei, berço adorado,
De minha dor primeira!
Do meu primeiro sonho!

Aqui, onde exilou-me a desventura
E a mocidade minha saturada
De amargores fallece, tristemente,
Vivo a sonhar contigo, eternamente,
Ó terra de minh'alma!
Ó Pátria idolatrada!

Com um tom mais elevado, a exaltação da terra se mistura aos lamentos pelas dores vividas. Esse é o lugar da tomada de consciência do mundo, onde se educou, conviveu com a juventude da época, se tornou poetisa e comandou em uma ocasião o Clube Literário Goiano, o qual era integrado também pelo escritor que iria escrever Tropas e Boiadas, Hugo de Carvalho Ramos. E por aquela que seria sua amiga até o final da vida, Anica Peixoto, mais tarde Cora Coralina. Leodegária participou intensamente da vida cultural da cidade. Era presença esperada nos saraus, nas sessões do Clube Literário e redigiu com Alice Santana, Cora Coralina e Rosa Godinho o jornal A Rosa. Seu nome era respeitado como intelectual e poetisa no meio cultural vila-boense.

Leodegária de Jesus já estava com 39 anos quando publicou *Orchideas* (1928). Não residia mais em Goiás, avistava sua cidade de longe, à época ainda morava em Uberlândia (MG). Era uma mulher marcada pelos reveses da vida. Teve um grande e único amor ainda adolescente, relação que não se concretizou, em virtude de uma falta do pretendente³. A poetisa nunca conseguiu esquecer esse amor e refazer sua vida amorosa. Não se entregou, porém. Carregou esse sentimento em poemas de perdas e dores que escreveu. A vida seguiu difícil para Leodegária, tornou-se professora e costureira, duas profissões que eram legados dos pais. A mãe, muito cedo, presenteou-lhe com uma máquina de costura. O pai, cuidou de encaminhar sua educação formal, talvez pensasse que poderia seguir o seu exemplo exercendo o magistério. Leodegária agradou aos dois. A doença do pai – ele sofria de glaucoma e tinha dores terríveis na coluna em consequência da doença de Tabes – precipitou a mudança da família da Cidade de Goiás em 1910. Foi um passo para a poetisa chamar para si a responsabilidade do sustento da casa e se valeu das duas profissões ensinadas pelos pais. Com a saída de Goiás, a família viveu um percurso de peregrinação por cidades goianas e mineiras em busca de recursos para tratar da saúde do pai, até se estabelecerem em Uberlândia. Talvez seja dessa cidade que Leodegária olhou para trás para relembrar-se de sua Goiás no poema citado.

O que diferencia o poema “Goyaz” do poema “Jatahy” não é ainda o vínculo ao Romantismo, que permanece no cultivo dos temas da nostalgia, da perda, das dores. Pelo contrário, esses temas e sentimentos são visíveis em *Orchideas*. O que é perceptível é uma certa maturidade na lida com a matéria poética, como podemos ver na condução de um poema mais extenso, sem perder o sentido, a articulação e a harmonia entre as partes. O que não ocorreu no primeiro livro, limitado às quadras agrupadas e ao soneto, sem um rigor que fizesse jus aos poetas mestres parnasianos,

seus contemporâneos, de onde, provavelmente, teria adotado a forma. Em vez das quadrinhas em heptassílabo, leves e de ritmo fácil, ao gosto popular, escritas com a pena bem molhada no calor da infância, temos um hino profano, uma das mais antigas espécies literárias quando na sua versão religiosa. A apóstrofe inicial indica de imediato o tom de louvor a Goiás. Suas belezas naturais e a evocação às serenatas e saraus em “[...] Em noites consteladas, quando a flauta/e os bandolins desatam pelo espaço” [...] se repetem ao longo do poema. É a terra onde de fato nasceu para a poesia, viveu o melhor da vida e também as suas desventuras, como demonstram as duas últimas estrofes citadas. Se enaltece a terra de seu nascimento literário, o hino também serve para uma inflexão íntima ao reconhecer que ali também viveu seus amargores.

Goiás é a cidade que lhe marcou profundamente o espírito e, conseqüentemente, interferiu em seu destino de poetisa. Ainda em Orchideas há outros poemas que, direta ou indiretamente, fazem menção a Goiás. Citemos, dentre eles, “Supremo Anhelos”:

Supremo Anhelos

Voltar a ti, ó terra estremecida,
E ver de novo á doce luz da aurora,
O valle, a selva, a praia inesquecida,
Onde brincava pequenina outr’ora;

Ver uma vez ainda essa querida
Serra Dourada que minh’alma adora;
E o velho rio, o Cantagallo, a ermida,
Eis o que sonho unicamente agora.

Depois... morrer fitando o sol no poente,
Morrer ouvindo ao desmaiar fagueiro
De tarde estiva o sabiá dolente.

Um leito, emfim, bordado de boninas,
Onde dormisse o somno derradeiro,
Sob essas verdes, placidas collinas.

No conjunto da obra da poetisa esse soneto se junta aos melhores que ela compôs em termos de resolução do assunto. Primeiramente, descreve sua vontade de rever Goiás, a cidade de seu coração. Nos dois últimos tercetos, a poetisa apresenta o seu desejo, aquele que equivale ao último de sua vida. Ao mesmo tempo que é a resolução do soneto, sua síntese, diz como gostaria de morrer. Mas a passagem para o momento supremo requer cumprir o que exigem os dois quartetos, representados pelos verbos “voltar” e “ver”, estar de volta ao lugar do qual teve de sair por motivos talvez alheios à sua vontade.

O desejo de que trata o título funciona como o fecho de ouro, tão caro aos cultivadores dessa forma. A cena descrita é digna dos melhores românticos: “Um leito, emfim, bordado de boninas, / onde dormisse o somno derradeiro / Sob essas verdes, placidas collinas”. O soneto, podemos afirmar, poderia ser seu epitáfio. Nele relembra a cidade onde construiu seus laços afetivos, suas amizades literárias. Estão também componentes de sua poética e visão de mundo: sua forma preferida, os temas que cantou e se alinham com o seu pensamento poético que nunca se afastou do Romantismo. A infância, a juventude e a morte são temas fundamentais dos poetas românticos. Como muitos estudiosos já escreveram, o tempo de vida dos nossos românticos dura até a juventude, no mais tardar chegam à vida adulta, mas a velhice raramente existe no seu horizonte. É curioso que Leodegária de Jesus praticamente abandone a escrita poética aos 39 anos. O que vem depois, e é pouca coisa, nunca reuniu em livro. É como se simbolicamente morresse para a poesia nessa idade.

“Supremo Anhelos” é um soneto decassílabo predominantemente sáfico. Há nele uma irregularidade em alguns versos, principalmente no último terceto, que oscila entre o sáfico e o heroico. Segundo Antonio Candido, o ritmo sáfico tornou-se preferencial dos poetas do nosso Romantismo dos anos 1860 a 1870, quando o movimento já perdia força em outras cidades do país. Candido (2002) afirma que esse ritmo tornava os poemas mais melódicos, servindo aos muitos matizes românticos. Essa preferência será recorrente em *Orchideas*. No poema em análise, a invocação no primeiro verso é um apelo para revelar um desejo enunciado no último verso do segundo quarteto. O impacto afetivo é transferido para o que está sendo invocado: “a terra estremecida”, a emoção da subjetividade lírica transborda e o ritmo – e vem a calhar a sua irregularidade – configura a agitação emocional de Leodegária diante das lembranças afetivas. Um bom exemplo é o primeiro quarteto. A poetisa precisou se valer do acento secundário de duas

palavras para completar o movimento rítmico do sáfico – acentuado na 4a, 8a e 10a sílabas. É um recurso que tem por base a proeminência de outra sílaba além da tônica numa mesma palavra, como um acento secundário. Em “estremecida” e “inesquecida” recaem dois acentos poéticos em cada uma das palavras, como vemos no destaque: “estremecida” e “inesquecida”. A rima interna toante na oitava sílaba, ligando o primeiro e o segundo versos, sublinha ainda mais a tonicidade das sílabas, gramaticalmente quanto ao acento, consideradas secundárias. Ainda, não deixa de reverberar, no seu alteamento, quando se junta à sílaba tônica, o estado emocional da poetisa.

Pelo que nos informa França (1996), a poetisa retornou à Cidade de Goiás em 1930 e 1960. França anexa ao seu livro poemas inéditos cedidos por Maria Aurora, irmã mais nova da poetisa, dentre eles o poema “De volta”. Nele a poetisa escreve sobre sua volta a Goiás e a melancolia de não encontrar mais a mesma cidade que deixou em 1910. Leodegária de Jesus está enterrada em cemitério de Belo Horizonte, morreu no dia 12 de julho de 1978 e, segundo França (1996), deixou-nos desolada com os leitores que, para ela, não sabiam mais o que era poesia.

2. “A doce voz com que tú me apontaste / A senda da virtude vida afora”: o pai

O pai de Leodegária de Jesus foi batizado com o nome José Antônio Rodrigues dos Santos. Só depois, como seminarista, adotou o nome José Antônio de Jesus. Foi um homem de extrema devoção religiosa. Seria padre se Ana Isolina Furtado Lima, filha de Hermenegildo do Nascimento Lima, médico e comerciante de Jaraguá, não tivesse conquistado sua atenção. Parece que logo à primeira vista a jovem se encantou com o rapaz, trazido pelo seu pai a passeio a Jaraguá. Hermenegildo Lima havia se encantado com a inteligência e erudição do jovem, quando o conheceu em visita ao Bispo Dom Cláudio na Cidade de Goiás. Ana Isolina era uma jovem de opinião, desejava escolher o seu futuro marido, e uma qualidade do pretendente seria ter o dom da palavra.

Encontrou em José Antônio o que almejava. Casaram e moraram em Jaraguá tempo suficiente para nascer Zenóbia Palmira, a filha mais velha. O sogro tentava introduzi-lo na administração dos negócios. Mas José Antônio queria ser mestre-escola, lidar com letras, humanidades, e não com números. Foi assim que mudaram para Caldas Novas, onde Leodegária nasceu. A partir daí a vida do casal Jesus foi migrar de cidade em cidade; ele exercendo o magistério e ela costurando.

Jaraguá, Caldas Novas, Jataí, Rio Verde e Cidade de Goiás foram as cidades onde moraram nessa primeira parte da vida, em busca de trabalho para se constituírem integrados à sociedade e com bases sólidas para educar e formar as filhas.

Tanto o pai quanto a mãe foram fundamentais na vida de Leodegária de Jesus e a eles ela se dedicou e por eles se responsabilizou nos momentos mais difíceis. Nos estudos a que tivemos acesso (FRANÇA, 1996, 1998; DENÓFRIO, 2001) fica clara a importância do pai na formação erudita da filha. José Antônio foi a mão decisiva na sua vocação literária. Enquanto a mãe lhe dava a cumplicidade feminina, o carinho maternal, os sentimentos e afazeres da porta da casa para dentro, o pai buscava a sua formação cultural, a introduzia à sociedade, buscava os melhores professores para educá-la e com ela dialogar. Quando mudaram para a Cidade de Goiás, onde nasceu Maria Aurora, a filha caçula, José Antônio matriculou as duas primeiras filhas no Colégio Santana, escola religiosa das freiras dominicanas francesas e a referência em educação na cidade. Ao término do curso, notando mérito e empenho na filha, o pai contrata professores particulares para preparar o seu ingresso no ensino superior, especificamente na Academia de Direito de Goiás que havia sido fundada em 1903. No entanto, o seu pedido para submeter-se aos exames preparatórios no Lyceu de Goiás foi recusado. As notícias que se tem, tanto em Denófrio quanto em França – os dois autores que escreveram estudos biográficos da poetisa – é que questões políticas envolvendo as posições do seu pai em meio às disputas das oligarquias dos Bulhões e dos Caiado foram o motivo da recusa. O seu pai, porém, nunca se dava por vencido, enviou reclamação ao setor responsável na capital do país e conseguiu que fossem realizados os exames. Embora tenha sido aprovada com louvor, o resultado só chegou a Goiás em 1910, quando a família estava de mudança e a poetisa já havia cursado a Escola Normal, criada em 1884, e iria exercer a profissão de seu pai até o final da vida.

José Antônio foi seu verdadeiro mentor. Transmitiu à filha aquilo que não aprendia na escola, complementou seu aprendizado, ensinou-lhe latim, e foi, podemos afirmar, responsável pela sua formação como escritora. Ele foi quem lhe norteou o caminho de poetisa. Além de custear o seu primeiro livro, enviou-o para jornais, críticos e pessoas de destaque público na sociedade vila-boense; colecionou todas as notícias que saíram sobre o Corôa de lyrios. A poetisa correspondia ao que o pai lhe proporcionava, dedicou-lhe admiração absoluta.

A mãe, Ana Isolina, não aparece como interlocutora da poetisa, como é o pai, sobre os assuntos poéticos. Sua presença se faz ver quando se trata ainda da menina que brincava a seus pés e a mãe ensinava-lhe os primeiros rudimentos da leitura; ou da costureira que ensina à filha seu ofício para um ganha-pão complementar à profissão de professora; ou da mãe zelosa que dividia com a filha as dificuldades da luta cotidiana, quando o pai adoece e Leodegária se torna arrimo da família. A voz de Ana Isolina está presente, mas em nenhum momento se sobressai. Notável é, que para ela, Leodegária dedicou mais poemas do que ao pai e neles há o amor terno e delicado que unia as duas.

Leodegária teve duas irmãs. Zenóbia Palmira, a mais velha, o que sabemos dela é que era apaixonada por Gastão de Deus, poeta e organizador de importante antologia dos poetas goianos, intitulada Páginas goianas, datada de 1917. O amor era correspondido. Porém, como Leodegária, não concretizou esse amor e se manteve solteira. A irmã mais nova, Maria Aurora, era afilhada da poetisa e a ela devotou a condição de segunda mãe. Leodegária juntou-se aos pais na criação de Maria Aurora, ganhou dela ainda criança o apelido de Mãechinha, que era um tatibitate para mãezinha. As três irmãs não casaram. Leodegária adotou uma menina de nome Doralice de Oliveira, que viveu com ela em Belo Horizonte. Em seus poemas, as presenças evidentes são as da mãe, do pai e da Maria Aurora. Neste ensaio, vamos comentar apenas a figura do pai, em razão de sua importância decisiva na obra da poetisa.

Em Corôa de lyrios – dedicado aos pais –, apesar de o peso da orientação e de o respaldo paternos se justificarem pela sua pouca idade e pela interferência na formação educacional e poética da filha, há apenas um poema dedicado a José Antônio de Jesus. Intitulado “Paisagem”, pelo que expressa não parece que tenha sido escrito exclusivamente para ele. Mas, sim, que entre tantos talvez fosse o seu preferido. Diferentemente para a mãe, vários poemas são dirigidos a ela, evocada como tu e endereçados com profunda veneração. Em Orchideas, com o impacto da morte do pai, somente ele recebe a deferência da dedicatória. Escreve na abertura: “Á Santa memória de meu pae”. O adjetivo na frase reflete a visão da poetisa sobre o seu genitor, reiterada pela experiência de quem acompanhou o tormento que ele viveu nos últimos anos de vida. A imagem do pai era de um homem probo, de caráter irrepreensível. Com a doença que lhe toma mais ou menos doze anos da vida, roubando-lhe a visão, fundamental ao seu trabalho, mais impressionada ficou a filha, que não titubeou em ver nele um mártir, como poderemos ver no poema “Reliquia”.

Quando saiu o *Orchideas* (1928), José Antônio de Jesus já havia falecido em 1920, depois de padecer e resistir com galhardia aos sofrimentos impingidos pela cegueira e o mal de Tabes. Isso só aumenta o sentimento que unia a poetisa ao pai e o elevava ao sagrado. Não só a sabedoria do professor, a conduta ética do homem público, dedicado ao bem comum, a religiosidade e a postura como pai e esposo eram motivo da admiração filial. Era também a resiliência com que enfrentou as doenças e as adversidades no campo profissional. Sua profissão de mestre-escola levou-o a várias cidades e em cada uma delas fundou escolas, exerceu o magistério e combateu a resistência ao conhecimento. Justamente a visão, necessária ao exercício da profissão, foi-lhe tirada. Todo esse quadro comovia a poetisa. No seu último livro, ela demonstra isso. Dos poemas em que há a figura do pai em *Orchideas*, destacamos “Reliquia”:

Reliquia

Essa cruz de madeira pequenina,
Que tenho aqui, em frente de meu leito,
Perante a qual meu coração se inclina,
A que beijo, com amor, quando me deito.

Essa cruz tão singela, tão franzina
Elle a trazia sempre sobre o peito;
E quantas vezes quantas, á surdina
Surpreendi-o a beija-la com respeito!

Foi essa cruz a doce companheira
De seu longo martyrio... da cegueira
Embalsamou-lhe a noite tormentosa.

E, afinal, acolheu-lhe aquele beijo,
O derradeiro, no ultimo lampejo
De uma vida de martyr, dolorosa.

O que fica do pai, além das lembranças, da nobreza de caráter e do seu legado intelectual e afetivo, é um objeto pessoal, de valor sacro, que revela a devoção do pai à religião cristã. A posse desse objeto, símbolo cristão da expiação por meio da morte, torna-o partícipe da dor do Cristo.

Só quem aceita o sofrimento e se resigna tem a cruz como “doce companheira”. O “longo martírio”, “uma vida de martyr” culminam na cruz, a relíquia que a filha herda e para qual seu “coração se inclina”, como o fazia seu pai. A religiosidade e o padecimento de José Antônio de Jesus retratados no soneto decassílabo guardam uma verdade que a poetisa jamais diria claramente: como relíquia que agora lhe pertence, ela toma para si a “cruz” do pai. De chefe de família, do seu legado intelectual, da sua profissão de professor tida até bem pouco tempo como sacerdócio. Essa é a ideia principal do poema. As demais são convergentes para esse sentido. É uma afirmação de que continua o legado do pai, inclusive de sua dor. É um belo soneto decassílabo que permite a alguns de seus versos serem lidos com ritmos heroico e sáfico. Essa oscilação rítmica pontua o tom dramático advindo da vida de sofrimento do pai. Mas não quebra a musicalidade, delicada e reverente, advinda, por sua vez, do amor filial.

O soneto “Requiescat in pace” finaliza a sequência que escolhemos para comentar:

Requiescat in pace

Seis anos são passados que trocaste
A terra pelo céu, e ainda, agora,
Sinto a amarga saudade que deixaste
– Amargura que o tempo não minora.

Em nosso lar que cêdo abandonaste
Julgo escutar ainda, como outr’ora
A doce voz com que tú me apontaste
A senda da virtude vida afora.

Seis anos!... Com que magoa inda me lembro
Daquela tarde azul! Era Dezembro.

Que doloroso e triste entardecer!

Em teu leito, meu pae, serenamente,
Vi-te morrer, assim, tão docemente!
Quão bello então me pareceu morrer!

Requiescat in pace é expressão latina usada nas lápides principalmente dos cristãos. Significa “descansa ou repousa em paz”. O soneto decassílabo é homenagem ao aniversário de seis anos da morte do pai, e parece ser finalmente o momento de superação do luto. É significativo o fato de, na ordem dos poemas do Orchideas, ele ser o penúltimo. E mais significativo ainda é o livro ser fechado pelo soneto dedicado à sua mãe. Os exemplos da mãe, diz a poetisa, “Dão-me esta força estranha que me assiste / Nas grandes luctas tragicas da vida!”. Ana Isolina é a afirmação da vida, do que se há de viver e seguir. O tom é de serenidade. O lamento é pela saudade que o pai deixou e, como mártir retratado em “Reliquia”, a morte significa seu ingresso no céu, como professam os cristãos. A poetisa endereça sua voz ao pai na segunda pessoa do singular, aproximando-o de si, o que ameniza a dor da morte, colocando-a sob a vontade do pai: foi ele quem trocou a terra pelo céu e abandonou o lar. Elide-se a doença e a poetisa prepara o desfecho do soneto marcado por palavras que indicam a visão positiva da morte pelos românticos. Ela parece esquecer os tormentos vividos pelo pai. A dor, agora, é pela ausência: amarga saudade. A dor é da voz lírica ou vista na natureza: a mágoa sentida, o entardecer triste.

A imagem daquele que lhe apontou “A senda da virtude vida afora” permanece irretocável, com a coragem e a moral elevada de quando estava vivo. A morte não é uma vulnerabilidade humana para um homem como José Antônio. Pelo contrário, para ele, pelas lentes da filha, é doce e bela. A dramaticidade da morte se transforma em serenidade. Ao final, o último ensinamento de José Antônio de Jesus à filha: a morte pode ser bela. Há muito que precisamos saber sobre José Antônio de Jesus, sobre sua relação com a filha poetisa e a influência que exerceu nela. Sua importância na vida de Leodegária de Jesus nos parece ter sido fundamental. Por enquanto, temos poucos registros documentais. Porém, os poemas, como comentado, indicam a admiração e o respeito da filha pelo pai.

3. “Quando me fitas esse olhar tão grave”: o amor

O tema do amor atravessa toda a obra de Leodegária de Jesus. É uma experiência ora juvenil, ora de arroubos felizes, ora amarga e inscrita no infortúnio. Sentimentos pessoais de um lado e os excessos da estética romântica de outro constituem sua trama. Sua biografia nos narra o amor correspondido entre a adolescente poetisa e Djalma Guimarães, jovem de família importante da Cidade de Goiás. Porém, o amor desencaminhou-se por causa de uma falta do pretendente, como já comentado. Leodegária nunca esqueceu esse primeiro amor, nunca se casou, recusou outros pretendentes, manteve-se distante de qualquer possibilidade de relacionamento amoroso. Por sua vez, o rapaz, frustrado, levou uma vida desajustada até o final de seus dias. Conta-se que morreu amargurado pelo erro que julgara cometido na juventude. Essa história de amor que poderia estar num folhetim romântico, mas já com traços realistas, sem final feliz, foi fonte profícua de muitos poemas de Leodegária de Jesus. Às vezes apenas como impulso poético, sem a força do existencial. Outras vezes, voltado para a dor pessoal e, por isso, com a tonalidade forte dos fatos vividos.

Em *Corôa de lyrios*, composto sob o frescor da adolescência, a imagem do amor ainda não tem o viés de amargura e dor encontrados em *Orchideas*. Naquele, há uma aura idílica nos poemas, uma paixão pelo sentimento amoroso e distante de uma experiência real. Sobretudo, um encantamento por um amor criado a partir da escrita poética, aquele que habita as imagens, não ultrapassa a linha do platonismo e compensa a sua não consumação pelos excessos da estética romântica. Como exemplos, podemos citar “Voluvel”, “Suspiros” e “Mutação”. “Mutação” refere-se a dois temas românticos: o amor e a natureza. A voz lírica, antes devota à natureza, passa a desprezá-la quando encontra o amor. Citemos o terceto final: “Mas que mudança! Um dia te encontrei, / E para amar, somente, a tua imagem, / Estrellas, flores, tudo desprezei!..”. No Romantismo, a cumplicidade entre o poeta e a natureza é vital. No poema, o amor ganha a disputa com a natureza, como ganharia em poemas dos românticos mais genuínos, como os franceses Lamartine e Victor Hugo e os brasileiros Álvares de Azevedo e Castro Alves. Nesse soneto, primeiro a poetisa engrandece a natureza, descrevendo-a em seus encantos e beleza. E o faz para, ao final, com a chegada do sujeito amado, elevá-lo acima dela.

É um poema em que um certo amaneiramento do estilo romântico se insinua por entre a expressão lírica. Esta se avulta quando a vivência pessoal está presente sem cair, como diz Goethe (1986), no anedótico e, assim, atingir o universal. O contrário desse soneto, que é uma mostra da retórica romântica, quando a poesia beira o ornamento. Os poetas românticos brasileiros criaram uma reciprocidade fundamental entre a vida e a poesia, a ponto de os acontecimentos da primeira serem causa da segunda. A juventude da maioria deles intensificava essa relação, tanto que muitos deles sucumbiram aos desregramentos dessa proximidade, morrendo jovem. Leodegária de Jesus escreveu *Corôa de lyrios* entre os 14 e 15 anos, tinha uma vida moderada, regulada pelos costumes e padrões morais, como toda jovem de seu tempo, e, talvez, sob a vigilância do pai, que não precisava de rigor, bastava ser o homem que ele era, como vimos nos poemas comentados anteriormente. A experiência da poetisa era mais dos livros que das vivências. A força motriz do que escrevia provavelmente vinha do que lia e imaginava. Por isso, em vários poemas de seu primeiro livro sobrepõe o amaneiramento da linguagem.

Há uma certa irregularidade em *Corôa de lyrios*, oriunda de sua feição de coletânea, sem a ideia de um projeto que articulasse os poemas. O seu título indicia isso e o alinha com os florilégios recorrentes nas duas primeiras décadas do século XX na poesia romântica goiana, como o *Violetas* (1904), de Luís do Couto, *Agapantos* (1905), de Gastão de Deus, *Lyrios do vale* (1907), de Arlindo Costa, e *Bouquet* (1911), de Augusto Rios. Voltando ao assunto deste tópico, interessa-nos aqui analisar um poema do primeiro livro, no qual a poetisa consegue escapar do artificialismo do fazer poético e balizar o registro lírico:

Estâncias

A ti.

Quando me fitas esse olhar tão grave,
Tão doce e cheio de melancolia,
Fica minh'alma em extase suave,
Esqueço a vida, esqueço esta agonia
Que me tortura a alma, noite e dia,
Quando me fitas esse olhar tão grave.

Duma tristeza infinda de sol posto

São esses olhos lindos, sonhadores;
Nos quaes traduzo um perennial desgosto,
Nos quaes diviso um barathro de dôres.
Amo esses olhos cheios de dulçores,
Duma tristeza infinda de sol posto!

Oh! que me importam rispidos martyrios,
Com que me cerca o fado traiçoeiro!
Si, nesses olhos tristes, como os círios,
Que valem mais do que o universo inteiro,
Encontro sempre um balsamo fagueiro?
Oh! que me importam rispidos martyrios!

O título chama a atenção para a forma. Trata-se de um agrupamento de três estâncias ou estrofes de seis versos cada, conhecidas como sexteto ou sextilhas. O olhar do leitor logo é atraído pela dedicatória: um misterioso “ti”, escondendo a segunda pessoa do discurso. É fácil deduzir o destinatário: o amor da vida da poetisa, Djalma Guimarães. Metonimizada em seus olhos/olhar, a pessoa amada guarda uma tristeza, motivo de encantamento pela poetisa. O amor suprime o mundo ao redor, até a vida. O ritmo aqui é sáfico, com acento na quarta, oitava e décima sílabas, configurando o pulso emocionado da poetisa e contrastando-se com a tristeza do amado: “Quando me fitas esse olhar tão grave, / Tão doce e cheio de melancolia” (grifo nosso). O acento recai em sílabas das palavras fundamentais na composição do significado do poema: o que esse olhar lhe causa, o que ela percebe nele e o que estaria disposta a fazer por ele é o que sugerem as três estrofes. “Fitas”, “olhar”, “grave”, “cheio” e “melancolia” são o núcleo dos dois primeiros versos e representam o momento inicial do encontro. Nem mesmo o uso do recurso de acentuação secundária em “melancolia” para ajustar o ritmo quebra o andamento melodioso do poema. Já na segunda e terceira estâncias o ritmo é alterado para heroico, com uma possibilidade de ler em alguns versos o ritmo sáfico. Essa alteração acompanha o sentimento da voz lírica, que, passado o impacto do olhar, distende a emoção na descoberta do que guardam os olhos: “perennial desgosto”, “barathro de dôres”. Em seguida, conclui e declara o seu amor aos olhos que são o bálsamo de seus martírios.

Além do domínio dos recursos formais demonstrado no poema, Leodegária de Jesus consegue superar o uso ornamental da linguagem. Há nele algo mais extraído da matéria da particularidade humana, independente de matizes biográficos que possamos ler no poema. Há uma densidade que apela à vida. Parece que o poema encontra em nós o que temos de tristeza e de dor. E nós, por nossa vez, reconhecemo-nos não no poema, mas na poesia que se depreende e na qual resta algo de nossa humanidade.

Em *Orchideas* a ideia de coletânea permanece. São poemas tematicamente remissivos ao livro anterior como amor, família, natureza, dores por algum motivo e com a introdução de novos temas decorrentes do vivido, como, por exemplo, a saudade da Cidade de Goiás e da vida cultural vila-boense; e ainda a morte do pai. É perceptível a mudança na abordagem dos temas. Naturalmente, a voz lírica agora é de uma mulher madura, que passou por acontecimentos difíceis em sua vida e assumiu a responsabilidade pela família. Tudo isso refletiu nos seus poemas, ora com maior, ora com menor intensidade. Uma das mudanças mais visíveis é que o poema como uma composição desprovida de motivação do vivido perde espaço para os poemas marcados pelos acontecimentos da vida da poetisa. Dos ares do Modernismo – já havia seis anos de movimentação intensa em São Paulo –, não há sinais em sua poesia. Sua forma preferida, o soneto decassílabo, se mantém. Pelo gosto e os muitos que fez, é o tipo de composição no qual demonstra maior maestria.

Vamos comentar um dos sonetos cujo assunto prossegue a clave de nossa leitura: o amor de matizes biográficos. Escolhemos “Suprema dor”, soneto em decassílabo heroico, de versos visualmente irregulares quanto ao tamanho, mas no qual não se confirma essa irregularidade no uso da medida clássica:

Suprema dor

Não é o sentimento dolorido
Que ha muito, escondo d’alma nos refolhos,
O que me faz viver neste gemido,
Trazendo sempre lagrymas nos olhos.

Não são também os asperos abrolhos
De que vejo o meu trilho entretecido
Que assim me affligem, não, não teme escolhos
Um coração, na fé fortalecido.

O que me opprime tanto e me entristece,
O que me arranca prantos tão amargos
E me aniquila e mata e me enlouquece

É saber-te, adoravel creatura,
Infeliz; e, trilhando, a passos largos,
O caminho da eterna desventura!

O poema está engendrado sob duas ideias. Já as adianto: a dor da voz lírica e a compaixão pelo sofrimento do outro. A primeira nos é apresentada nos dois quartetos. Neles, a voz lírica volta para si, para as suas dores. O primeiro quarteto diz da dor de um sentimento escondido, provavelmente sua frustração amorosa, que permanece “Trazendo sempre lagrymas nos olhos”. O segundo quarteto trata dos reveses da vida, suportados por ter “Um coração, na fé fortalecido”. Esse quarteto é um dos mais belos feitos pela poetisa, pelo conjunto da realização, que uniu o sentimento à técnica. A metáfora de “abrolho” e “escolho” para as dificuldades da vida era recorrente e não exigia nenhum esforço de interpretação. O que a retira do lugar comum é a associação de uma imagem marítima a uma imagem terrestre quando se articula a “trilho”. Mar e terra se unem para compor a imagem das dificuldades passadas pela poetisa. O terceiro verso é de um domínio e de uma serenidade só alcançados com a maturidade poética, quando o poema deixa de ser mera virtuosidade para juntar vivência e arte. Integrado no conjunto, visualmente, o verso é feio, além de a cesura depois de “affligem” empurrar a segunda parte do verso para uma outra linha. Porém, a repetição do “não” impõe uma outra pausa de domínio e condução do verso pela mão da poetisa; domínio que se estende até o final em outra pausa que transgride a sintaxe na formulação do enjambement. Todas as paradas que interpõem o silêncio e a moderação da poetisa são para revelar o que a sustenta diante das desditas: a fé, já demonstrada quando herda o crucifixo do pai em poema que comentamos.

A primeira parte do poema nos prepara para a segunda. Lembremos que no poema “Estâncias” a poetisa era capaz de enfrentar todos os martírios, já que estava sob o olhar da pessoa amada. Na segunda parte, referente aos tercetos, a poetisa pretere a sua dor em nome da dor do outro. A voz lírica, malgrado o equilíbrio da primeira parte, entrega-se ao arrebatamento, ecoando os poemas juvenis de Corôa de lyrios: “O que me arranca prantos tão amargos / E me aniquila e mata e me enlouquece”. O uso do polissíndeto do conectivo “e” reitera a ideia do amor hiperbólico romântico, mesmo soando incoerente no verso o fato de a voz lírica morrer primeiro e enlouquecer depois. E amplia a musicalidade do terceto junto com as rimas internas em “tanto” e “prantos”.

A imagem desmedida eleva a grandeza do sentimento profundo pelo ser amado, como veremos no último terceto. Nele, o enjambement do primeiro verso cria um suspense, uma expectativa que adia a nossa leitura da palavra seguinte no segundo verso do terceto: “infeliz”. É justamente para acentuar o sentido do soneto: o que a oprime tem a ver com a felicidade ou infelicidade do ser amado? Sofre porque o outro está infeliz? Não é essa a resposta a ser dada. O verso seguinte revela-nos qual é a ideia central do poema: a compaixão – todo o soneto encaminha para isso no final. Como cristã católica, a fé sustenta-a na preterição a sua dor e daí a compaixão pela dor do outro. Esta é a suprema dor, a de quem consegue transcender a sua própria e se compadecer pela dor do outro. Amor e religiosidade surpreendem-nos ao final da leitura. Mas para a poetisa foram os dois alentos de sustentação da sua vida, seja o amor filial, seja o fraterno, seja o amor erótico irrealizado. Juntados à sua fé religiosa tornaram a sua personalidade resiliente e impenetrável. Depois de 42 anos de sua morte, a completar agora em 12 de junho próximo (2020), debatemo-nos com sua discrição, sua pessoa silenciosa que fez o que tinha de ser feito enquanto viveu, sem deixar, ao morrer, sequer um papel de circunstância dizendo que poderia ter sido diferente.

Por enquanto

Por enquanto, colocamos ponto final neste ensaio, feito com um pulso mais livre e com intenção de fazer uma leitura e comentar poemas de Leodegária de Jesus em face do que sabemos sobre a sua vida e a sua obra. O seu silêncio depois de 1928, quando publica *Orchideas*, interrompe uma voz que seria extremamente interessante se tivesse continuado a ecoar. Muito de mistério

há em torno de sua figura esguia e magra, na maturidade, sempre de óculos redondos, os preferidos dos intelectuais, como aparece numa fotografia que foi consagrada em retrato feito pelo artista plástico Amaury Menezes. Sua vida discreta, comedida, sem transparecer o entusiasmo ou a melancolia que vemos em seus poemas, requer ser compreendida. Não sabemos o que pensava, como agia além do previsível para uma mulher cristã católica. Muitas perguntas precisam ser respondidas em pesquisas biográficas, literárias e histórico-sociais. Questões sobre o seu ingresso como intelectual e artista negra, filha de pai negro e mãe branca numa sociedade tradicional e de homens brancos e mulheres brancas, como a da Cidade de Goiás, poderiam jogar luz sobre o que motivou o seu impedimento de fazer o exame preparatório para cursar Direito e quem sabe conhecer outros motivos, além da doença do pai, que apressaram a saída da família da Cidade de Goiás em 1910. Ou talvez isso nos esclarecesse, tendo um pai político e engajado nos problemas coletivos, o porquê do silêncio em seus livros sobre questões raciais ou o lugar da mulher no meio social.

Suas duas únicas publicações foram pioneiras na literatura feminina em Goiás. Merece um estudo aprofundado, que compreenda o seu contexto histórico-literário e investigue com o devido cuidado o lugar que ocupou em uma geração de poetas mais velhos e boêmios, como Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira, Luís do Couto, Augusto Rios, Arlindo Costa. Todos escrevendo no mesmo tom romântico. Sua obra requer uma análise crítico-interpretativo de seu valor literário em face do que se produzia de literatura na sua época em Goiás, porque se tomarmos “[...] como parâmetro a obra de outros poetas de seu tempo, com idade para serem seus pais ou até mesmo avós, praticamente nada lhes ficou devendo” (DENÓFRIO, 2001, p. 17). Mais questões poderão ser levantadas por outras áreas do saber científico fundamentais para pensar a participação da mulher na sociedade goiana no início do século XX. Com o seu pioneirismo, pois iniciou, segundo Denófrio, uma tradição literária feminina, Leodegária de Jesus merece ter sua obra estudada e conhecida pelas leitoras e leitores.

Na Cidade de Goiás, o fato de mulheres estarem à frente de jornais, terem destaques em sa-raus, frequentar as salas de cinema da cidade, fundar academia de letras não as emancipava dos papéis rígidos de subserviência à moral masculina que tinham de cumprir. O que a poetisa pode nos ter deixado sobre tudo isso? O que pensava? Qual a sua visão de mundo para além do que podemos conjecturar dos sentidos de suas metáforas circunscritas à estética do Romantismo? O

que está silenciado em seus poemas que, como intérpretes dos diversos conhecimentos que a literatura aprovisiona, precisamos alcançar? São indagações que indicam o muito que há de ser feito ainda sobre essa poetisa que tem mérito para estar na série literária goiana. Cabe a nós, leitoras e leitores, reconhecer esse mérito.

Referências

- CANDIDO, Antonio. O Romantismo no Brasil. São Paulo: Humanitas; FFLCH, 2002.
- DENÓFRIO, Darcy França (Org.). Lavra dos Goiases III: Leodegária de Jesus. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.
- FRANÇA, Basileu Toledo. Poetisa Leodegária de Jesus. Goiânia: Gráfica e Editora Kelps, 1996.
- FRANÇA, Basileu Toledo. Velhas escolas. Goiânia: Ed. UFG, 1998.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. Memórias: poesia e verdade. Tradução de Leonel Valandro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; Hucitec, 1986.
- JUBÉ, Antônio Geraldo Ramos. Síntese da história literária de Goiás. Goiânia: Oriente, 1978.
- TELES, Gilberto Mendonça. Poesia em Goiás: Estudos Goianos I. Goiânia: Ed. UFG, 1983.